

Maria do Socorro Diniz

O tempo não apagou

Aracaju-SE



2022

© Copyright 2022 by Editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração

ArtNer Comunicação

Diagramação

Joselito Miranda

Capa

Roseilde Reis

Impressão

GrafMarques

Revisão de texto

Éverton Santos

Fotos

Arquivo da autora

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Diniz, Maria do Socorro.

D585t O tempo não apagou. / Maria do Socorro Diniz.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2022.

190p.: il.

ISBN: 978-65-88562-96-3

1. Prosa Narrativa - Biográfica

2. Memórias Biográficas

3. Aspectos Sociais- Memórias

I - Título

CDU:821.134.3 (813.7) - 3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • <http://artner.com.br/>

Aos meus pais,
Manoel Camelo Diniz e
Maria da Nóbrega Diniz.
In memoriam



Meus pais, 1938

*“A vida não é a que a gente
viveu e sim a que a gente
recorda e como recorda para
contá-la”.*

(Gabriel García Márquez)



Santa Luzia-PB



Nova Friburgo-RJ



Largo da Gente Sergipana - Aracaju-SE

Apresentação

O *Tempo Não Apagou* é o terceiro livro da trilogia de memórias escrita por Maria do Socorro Diniz. Certamente, os leitores que leram as suas duas publicações anteriores, *Nem Tudo a Gente Esquece* (abril de 2021) e *Nem Tudo Contei* (novembro de 2021), já a conhecem bem. Aqueles que não a leram, eu os invito a fazê-lo e a mergulhar no universo dessa autora que muito nos tem a dizer. Migrante nordestina, completou seus estudos no Rio de Janeiro, onde fez carreira exemplar como docente de Geografia em todos os níveis do ensino público e particular, do Fundamental ao Ensino Superior, deixando a esta e às futuras gerações um legado valioso. Em seus escritos, ela transmite uma mensagem de liberdade, de empoderamento, de esperança, de solidariedade. Acima de tudo, com o modelo vivo da sua prática, ela ilumina e destaca o papel da Educação como instrumento de ressignificação positiva de um passado hostil e de construção de uma sociedade mais justa, através da formação de cidadãos reconhecidos em sua humanidade e respeitados em suas diferenças. Como leitora de seus livros, eu tive a felicidade indescritível de me rever sertaneja da região do Seridó do Rio Grande do Norte, identificada com as suas lembranças e contagiada pela sua coragem, suas lutas e conquistas, próprias de uma heroína. Também tive a oportunidade de ressignificar

muitas das minhas vivências pela compreensão profunda do poder destrutivo de uma cultura marcada pela discriminação, pelo autoritarismo e pela negação dos mais humildes, tão bem abordado no seu trabalho anterior e tão presente ainda na nossa sociedade, como demonstra neste seu livro atual. Espero que o leitor, assim como eu, encontre na sua leitura um aporte genuíno para ampliar a sua forma de perceber e interpretar a realidade que o cerca e, quiçá, força para dizer não à indiferença ante às atrocidades que a muitos acometem.

Conheci Maria do Socorro em Aracaju, capital do estado de Sergipe, no Centro Médico Odontológico, onde no mesmo andar situavam-se os consultórios do Dr. Paulo Solti, psicanalista, seu esposo, e a sede do Círculo Psicanalítico de Sergipe, do qual a Dra. Déborah Pimentel era sua presidente, e eu, um de seus membros à época. Foi por meio da Dra. Déborah que estabelecemos uma profunda amizade em comum, fundada no interesse pela Psicanálise e no amor pelo saber. Por ocasião de minha aposentadoria, fui morar na França e fiquei surpresa quando recebi os originais do seu primeiro livro, *Nem Tudo a Gente Esquece*. Eu era a sua primeira leitora, e ela gostaria de saber a minha opinião, o mesmo acontecendo com o segundo e o terceiro livros, o que muito me honrou por tamanha demonstração de confiança.

Confesso que foi com espanto e indagação que recebi os originais de *O Tempo Não Apagou*. Decorriam apenas seis meses que a autora havia publicado o seu segundo livro, e me perguntei o porquê da sua pressa. Dentre tantos motivos possíveis, gosto de pensar que foi devido ao imperativo de uma voz que nunca se cala, de um corpo que jamais para

diante das injustiças sociais e do abuso do poder, próprios do nosso legado cultural. Restrita na sua ação pela aposentadoria e, mais recentemente, pelas medidas sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19, dispôs-se a escrever, certamente motivada pela importância magistral de um livro com o seu potencial de agregar conhecimentos, reflexões e mudanças.

Em *O Tempo Não Apagou*, Maria do Socorro dialoga com pensadores importantes das ciências humanas dos séculos XX e XXI e com eles passeia pelo terreno das suas vivências, construindo novos entendimentos, ao tempo que nos instiga a uma reflexão profunda sobre o nosso ser e o nosso fazer. Atenta a tudo o que acontece à sua volta, ela parece nos dizer incessantemente: “É preciso estar atento e forte”, como na canção de Caetano Veloso e Gilberto Gil “Divino Maravilhoso” (1969), imortalizada na voz de Gal Costa. Mestre na arte do sentir e do pensar, com uma escrita poética, com um canto de amor à terra, ela conduz o leitor a experimentar emoções intensas, alojadas no fundo da sua alma, para, em seguida, com um raciocínio crítico e severo, arrastá-lo com argumentos lógicos na construção de uma percepção para além do que se vê.

Ler *O Tempo Não Apagou* é se deparar com a história de um Brasil recente, suas desigualdades sociais, mergulhar nas suas raízes culturais, com destaque para as do Nordeste, de onde provém, mas também para as do Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua existência. Foi ali que ela mergulhou nos tempos sombrios trazidos pela Ditadura Militar, sob o risco potencial de afogamento, mas sempre encontrando ou construindo uma saída digna, compatível com seus ideais de justiça e liberdade. Foi no estado do Rio

de Janeiro, por meio de sua prática docente, que teve acesso às mais diferentes camadas sociais da população e seus modos de vida e onde também presenciou situações de desamparo social jamais imaginadas. Ler a autora é uma injeção de força, de ânimo. É saber que o recomeço sempre é possível, que a Educação é a nossa única esperança para o desenvolvimento de uma sociedade na qual se possa sentir a alegria de viver e não o desgosto de apenas sobreviver. Foi com a Educação que ela transformou vidas, tirando-as do *status* quo do nada ser. Foi com a Educação que ela mostrou aos oprimidos a força da resistência na luta pelos seus direitos. Foi com a Educação que ela ajudou comunidades carentes a terem assistência às suas necessidades humanas básicas. Foi com a Educação que ela, comovida pela exploração de nordestinos semianalfabetos vivendo no estado de São Paulo, os ajudou a votarem nas eleições de 1990, ingressando com eles, radiosa, nos tempos promissores da abertura política. Essas são, pois, algumas das lembranças que a autora traz neste seu novo livro, dando continuidade a uma série de denúncias de coisas estranhas que não deveriam ser praticadas por uma sociedade que se diz humana. Muitas dessas denúncias fazem parte do noticiário cotidiano e, dada a sua frequência, fazem parte de nossas vidas, já acostumados que somos com a banalidade do mal. Para Maria do Socorro, no entanto, nada é banal. E ela insiste, por meio de suas memórias, a nos lembrar dos perigos de uma cultura herdeira do autoritarismo, da servidão e da discriminação; a nos lembrar da tristeza e do abandono de muitos. Por fim, ela insiste que os perigos estão em toda parte, à nossa espreita. É preciso vê-los, identificá-los e fazer algo para removê-los. Ficar parada não é do seu feitio.

A publicação de *O Tempo Não Apagou* completa a trilogia autobiográfica da pesquisadora e escritora paraibana Maria do Socorro Diniz. Ao escrever suas memórias, fez face a uma cultura destrutiva que, em nome do progresso, apaga as memórias de gerações inteiras, com a destruição das paisagens naturais e arquitetônicas de cidades e regiões, como também pode presenciar em sua terra natal. Nos seus livros, o Açude Velho e o coreto da Praça Central Alcindo Leite existirão para sempre, e neles as crianças poderão brincar. O vento correrá solto no semiárido e não haverá cata-ventos. Todas as pessoas queridas e generosas que fizeram parte da sua vida estarão ali com ela, imortalizadas nas páginas da sua história.

Boa leitura a todos.

Maria das Graças Araujo

Psicóloga graduada pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – Cesmac.

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Especialista em Psicomotricidade pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Psicodramatista pela Profint-SE, instituto filiado à Federação Brasileira de Psicodrama.

Estudos em Psicanálise realizados, por vários anos, no Círculo Psicanalítico de Sergipe, com colaboração em algumas publicações daquela instituição.

Professora aposentada da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe.

Prefácio

*“Que sejas ainda mais vivo no som
do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo: ouve bem
o que eu te digo
Tempo tempo tempo tempo.”*

Caetano Veloso

Cada existência tem o estribilho, seu refrão e muito mais...

Como começar este prefácio em que a escritora do presente livro se apresenta com sua história em interação com o tempo?...

Eu começarei a falar sobre a escritora:

– Socorro, minha amiga!

– Socorro!

– Socorro!

– Oh, mundo, não nos asfixie!...

– Preciso de nossos gritos de Socorro...

– Necessito de muito tempo para socorrer tanta gente sofrida neste país e em outros lugares...

– Minha Memória não se apaga como uma lousa, um quadro de giz...

– Meu giz é a Educação que se imortaliza no que faço e escrevo!...

– Meu Tamborete não é passivo como um assento colonizado e servil...

Os pedidos de socorro individuais e coletivos não param de se desembrulhar, factualmente e em nossa imaginação, no livro de lembranças ou memórias *O Tempo Não Apagou* (2022), da escritora brasileira, nordestina e paraibana Maria do Socorro Diniz.

A escritora Maria do Socorro Diniz tem um repertório existencial e profissional amplo e versátil. É do sertão nordestino. Seu ser, enraizado na mencionada geografia, expandiu-se em si e no mundo, tornando-se uma respeitada intelectual e uma propulsora de mudanças sociais. Casada com o psicanalista e pensador Paulo Solti, tem muitos amigos e apreciadores. É doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo e tem mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, construindo uma experiência humana de trabalho sólido em contextos educacionais brasileiros diversificados.

Por conseguinte, prefacio com admiração, afetividade e gratidão seu mais novo livro. Aliás, o fato de me citar em suas obras literárias é uma expressão fraterna da comunidade de intenções: a construção de um mundo melhor!

Sua mais recente obra literária *O Tempo Não Apagou* é a terceira de uma série de publicações da autora. Em sua maturidade existencial, suas primeiras produções no âmbito da literatura foram *Nem Tudo a Gente Esquece* (2021) e *Nem Tudo contei* (2021). Em sua trilogia autobiográfica, o tempo ou a memória e a linguagem-transformação confluem com o primor das letras da educadora e pesquisadora.

Em *O Tempo Não Apagou*, as demandas e palavras caçulas de socorro/Socorro insurgem com veemência em suas inscrições simbólicas e pragmáticas multifacetadas com registros firmes e fortes no e do tempo que não as apagou, despertando-nos reflexão. Em minha interpretação do livro/pedido de Socorro, a temporalidade e o que não se apagou gritam do humano em sua dialética experiencial presença-ausência. Por meio da literatura, são notáveis, entre outros aspectos, os vínculos da escritora com a memória, a narrativa, o pensamento crítico, a geografia, a história, as humanidades e a educação transformadora.

Com seus próprios olhos, porões, lucidez e mãos, Socorro narra sua história, deflagrando, por meio de lembranças, a experiência histórica de muitos, criando vozes de sua responsabilidade individual e social que não silenciam e fazem interlocuções fecundas com o tempo em sua polissemia insubmissa e feminina.

Desse modo, as palavras, ou pedidos, de Socorro caminham nos voos das lembranças biográficas, eclodindo nelas simultaneamente o pessoal e o social. De acordo com Sigmund Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), o indivíduo tem em si os outros, de modo que qualquer psicologia individual é correntemente uma psicologia social. O pessoal tem o coletivo em si!...

Maria do Socorro Diniz não naturaliza a história; apresenta suas lembranças como uma viagem objetiva e subjetiva que não esquece o portal que segue e fala em nome dos Desfavorecidos. Como tem contato com uma diversidade de Brasis que existem em sua alma literária, Socorro interliga, com sensibilidade, geografias sociais,

vai ao tesouro e ao beco de si mesma e de outros em prol da dignidade humana.

Ao apresentar suas lembranças, como educadora perspicaz e com senso de humor refinado, a escritora circunda pontos nodais socioculturais como as relações entre capital, poder, Estado e sujeito. Como sua palavra esbraveja, de dentro para fora e de fora para dentro, por Socorro, é expressão suada de tantos rostos, olhos e bocas brasileiros.

A escritora, em sua publicação atual, toca em uma pluralidade de questões significativas sob seu olhar: desigualdades, saúde, eleições, transporte, pandemia, guerra, desastres naturais, mídia, família, o lugar das Mulheres, exploração e dominação, reconhecimento social, entre outras, mostrando e despertando uma atividade de pensar constante sobre dimensões estruturais e contextuais da existência humana.

O que *o tempo não apagou* é recordado, repetido e elaborado. Penso que o modo de a escritora lidar com sua subjetividade converge para o que Sigmund Freud fala em *Recordar, repetir e elaborar* (1914).

Ao lembrar sua vida, Socorro apresenta o estribilho ou refrão nordestino e brasileiro de sua história, reencontrando emoções e elaborando experiências na medida do Impossível em sua conversa com o tempo.

Fui acompanhando no livro *O Tempo Não Apagou Socorro... Socorros... pedidos de Socorro...* com a liberdade poética de pensar sobre o que eu escutava/lia.

Lembrei-me da importância que Walter Benjamin configura ao narrador. Vieram também à minha mente contribuições de tantos intelectuais de envergadura,

muitos citados por Socorro, da mesma forma que adentrei a sua, no plural, biografia *brasilis*, tão marcada por insultos.

Enfim, é da literatura de memórias, como também da literalidade e da metaforização de pedidos de Socorro, que enfatizo, sobremaneira, o novo livro da escritora como um convite ao pensar autônomo.

É preciso ter arrojo para sair da asfixia do mundo!

Numa acepção lacaniana, é necessário criar novas formas de tentar dizer o indizível!...

Em minhas palavras finais nesta prosa, pronuncio:

- Oh, meu mundo!...
- So... corro!...
- Oh... socorroooooo!...
- Soocorroo!...

Será certamente muito profícua a viagem dos leitores em companhia da supramencionada escritora em sua mais recente obra literária.

Ricardo Azevedo Barreto

Escritor e poeta. Psicólogo graduado pela Universidade de São Paulo – USP. Tem mestrado e doutorado em psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela USP. Tem especialização em psicologia hospitalar pelo CEPSIC da Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP. É Psicanalista do Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS, filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP e à International Federation of Psychoanalytic Societies – IFPS. Foi presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (2014-2017). Foi professor titular da Universidade Tiradentes – UNIT por muitos anos, ensinando nos cursos de Psicologia e Medicina. É um dos editores da revista Estudos de Psicanálise, do Círculo Brasileiro de Psicanálise. É um dos editores regionais para a América do Sul da revista International Forum of Psychoanalysis.

Sumário

Inesquecível viagem	23
O sonho inacabado	30
A festa de Santo Antônio	39
A Ala Ursa	46
O passeio de fim de ano	51
Reinvestindo	54
Justificando o voto	60
Reencontro inesperado	66
Emoções	85
A doação	96
É possível?	102
A recompensa	110
A diversidade unificada	117
Seremos livres ainda!	124
Terror ou realidade?	139
Eu te amo, eu te odeio	148
E haja coração!	159
Agradecimentos	183
Referências	184

Inesquecível viagem

“A tudo ao seu tempo o viajante assiste...”

João Cabral de Melo Neto

Retornei ao Nordeste, à minha casa familiar, após anos de ter migrado. Deixei de participar, embora acompanhando de longe, os casamentos de quatro irmãos. Não dispunha de recursos financeiros para estar presente. Nesse intervalo, recebi a visita de alguns deles, que vinham de ônibus, inclusive uma irmã que sofreu um acidente na empresa pela qual viajava para o Rio de Janeiro. Perto da cidade de Muriaé, Sul de Minas Gerais, era madrugada quando o ônibus caiu em uma ribanceira. Por sorte, ela não foi a óbito, como ocorreu a muitos dos passageiros daquela viagem. Machucou fortemente um braço, o que exigiu longo tratamento. Quanta angústia aquela chegada! Que transtorno!

Naquela época, eu morava na casa do estudante universitária e não dispunha de recursos para assumir o tratamento de minha irmã. Mas uma das residentes da casa estudava Medicina e em muito nos amparou, ajudando no tratamento com seus professores. Levou algum tempo para se recuperar e para recorrer de seus direitos jurídicos perante aquela empresa rodoviária responsável por aquele acidente e aquelas mortes.

Anos mais tarde, essa mesma irmã concluiu o seu curso universitário, migrou para Brasília e foi trabalhar como dentista na Ilha do Bananal. Lá se casou e, anos mais tarde, já residindo em São Bernardo do Campo-SP, seu filho mais velho, quando acabara de prestar vestibular para o curso de Direito, sofreu um acidente de carro na estrada Anhanguera, indo para Santos, e foi a óbito aos 19 anos, sem mesmo saber que fora aprovado.

Cursava eu o último ano da universidade quando fui visitar a minha família. Utilizava o mesmo meio de transporte e a mesma empresa usada pela minha irmã. Era uma longa e penosa viagem aquela, com duração de 37 horas ou mais, enfrentando estradas em péssimas condições de uso, serviços de alimentação, banho etc. de baixíssima qualidade naquela prestação de serviços. Constituíam-se o principal problema daquelas viagens a hora da parada em pontos e lugares específicos determinados pelas empresas de ônibus. Transportavam elas uma clientela desvalorizada socialmente, de baixo poder aquisitivo, com precárias condições educacionais e, conseqüentemente, de hábitos higiênicos não muito saudáveis. E nada reclamavam, mas eleitores eram!

Estavam aquelas empresas rodoviárias acostumadas a carregar migrantes nordestinos para o “sul-maravilha”, substituindo os tão famosos caminhões “paus de arara” que transportavam o sertanejo, “que deixava à roça, o poder do coronel, à miséria, a fome e o estado de abandono em que vivia”, como tão bem narrado por Marco Antonio Villa em sua obra *Quando eu vim-me embora* (2017), na esperança de encontrar, em outras terras, melhores condições para construir o seu próprio caminho. Ignoravam es-

ses migrantes que o Estado era o mesmo, e o interesse das classes no poder, idem. Era o vapor do capitalismo, que, de vento em popa, se aprofundava mundo afora sem a preocupação com as pessoas – a não ser a sua força de trabalho a gerar lucros.

Ocorria, socialmente, a passagem do lavrador para outra modalidade para a qual não estava preparado e via-se diante de um “mundo novo”, mais atraente, o assalariado na cidade de luzes. Localizava-se em áreas menos valorizadas dessas cidades, mais distantes e carentes de uma infraestrutura, e aí se instalava como se na roça estivesse e povoava as periferias das grandes cidades, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. Coincidia essa época ao período de substituição das importações, impulsionada pelo desenvolvimento industrial, apresentando capacidade de absorção dessa mão de obra, mesmo desqualificada, que chegava à grande cidade.

Era o quinto e último ano na faculdade, UFRJ, após a Reforma Universitária empreendida pelo Acordo MEC/USAID e a Ditadura Militar reinante. Foi a primeira turma da referida reforma. Estávamos no segundo ano do curso de Geografia quando foi implantada, arbitrariamente, à nossa revelia: separava o bacharelado da licenciatura, aumentando o tempo de conclusão do curso. Iniciava-se, na academia, a supremacia da pesquisa em detrimento da licenciatura; a formação do professor – considerada “coisa menor” que domina até o presente – fazia parte dos interesses do capital, nos quais a Educação não estava inserida. Apesar de estagiar no órgão máximo da pesquisa, o IBGE, optei primeiro pela licenciatura porque era mais real em termos de emprego e, também, porque gostava.

Concluindo o curso, a sala de aula nos esperava. Já a pesquisa, seletiva, não dispunha de amparo aos formados de modo a lhes garantir um emprego.

Integrava, naquela ocasião, o grupo de pesquisa coordenado pela geógrafa e nossa professora de metodologia da Geografia, Lysia Bernardes, para o Ministério dos Transportes, sobre a implantação da estrada turística Niterói-Rio das Ostras, região dos Lagos Fluminenses. Todo o levantamento de dados referentes à situação socioeconômica da área envolvida, que exigia pesquisa de campo, estava sob minha responsabilidade e do colega de turma Mario Diniz, nos exigindo inúmeras viagens ao local. Entrevistamos até o Deputado Federal Ulisses Guimarães em sua linda mansão naquela região.

Guardo de tão rica experiência, articulando teoria e prática, e, com acompanhamento, as bases inerentes à carreira de pesquisadora que mais tarde invadia a sala de aula, em todos os níveis de escolaridade, e nos tornava buscadores daquilo que pretendíamos ensinar e aprender.

Pois bem. Minha primeira visita a meus familiares coincidiu com a entrega do relatório daquela pesquisa logo ao retornar. Durante todo aquele percurso, estudava e elaborava aquela organização a cumprir. Não podia reclamar, aquele trabalho extra fora o responsável pelo financiamento daquela viagem.

Por várias vezes, fiz esse mesmo trajeto, Rio de Janeiro-João Pessoa, de ônibus, enfrentando as condições narradas, sem nenhuma inovação. Mudanças para que e por que se não havia solicitação? Ou a clientela não merecia? Ou ambas as opções?

Em uma dessas idas à Paraíba, desci na cidade de Aracaju para visitar minha irmã caçula, pois tinha ela 12 anos quando de casa saí. Estava casada e aí morava. Acabara de ter sua primeira filha, minha sobrinha, que tive a honra de conhecê-la, aos dois meses, com quem passei alguns dias, prosseguindo em direção a João Pessoa, cuja rota duraria por volta de 13 a 14 horas de estrada pesada.

Era tempo de Ditadura Militar, em sua fase mais violenta, e a todos ameaçava. Parece que foi ontem! Dirigeme à estação rodoviária onde pegaria ônibus marcado para as 23h. Sempre viajei nas primeiras cadeiras do lado contrário ao motorista devido à visão da paisagem que permite uma vista panorâmica em seu todo; sou alérgica a odores fortes e, em ambiente fechado, tal situação se agrava, e porque é mais silencioso.

Chegou a hora da partida. Todos esperávamos ansiosos por aquele momento na plataforma determinada, com suas bagagens, quando de repente o ônibus chega e por muito pouco não atropelou todos os passageiros que ali o aguardavam. Que estranho! O que significava tão violento procedimento? Naquele alvoroço, descobrimos que o motorista que nos conduziria, estando de folga todo o dia na praia de Atalaia, embriagado se encontrava. E agora, o que fazer? Eram pessoas humildes, idosos e crianças que não reivindicavam seus direitos, sequer sabiam da existência deles e representavam a grande maioria. Mas todos tinham compromissos e familiares à sua espera. O funcionário da empresa nos propôs voltarmos para casa e retornarmos no dia seguinte no mesmo horário. Isso implicaria pagar táxi para voltar e para ir; gente que não tinha onde ficar;

tampouco dinheiro para bancar hotel; famílias com crianças; outros tinham compromisso de trabalho agendado etc. À época, não havia celular para avisar de imediato. Foi um grande constrangimento que a todos afligia! E, diante de tanta incerteza, juntei a todos, subi em um tamborete ali disponível, para ser vista por todos, e iniciei uma indagação das medidas que gostaríamos de tomar diante da solução oferecida pela empresa. Todos concordaram em prosseguir viagem naquela noite. Liderei o movimento com o respaldo de todos, e nos dirigimos à gerência da empresa, que relutou em nos receber. Após insistências, fomos recebidos, e apresentei as dificuldades e a decisão do grupo: o ônibus estava ali; compramos a passagem para aquele dia e hora; exigíamos uma solução imediata para tal situação criada à nossa revelia e um motorista que nos conduzisse ao destino indicado.

Por quase duas horas nos debatemos – empresa e passageiros. Só sei que à determinada hora o responsável tentou me prender por “estar insuflando os passageiros”, como se não tivéssemos razão, e eu a única passageira fosse. Chamada de “subversiva”, ao mesmo tempo por todos os passageiros fui defendida, aderindo a empresa às solicitações apresentadas. Saímos vitoriosos: foi colocado outro motorista que nos conduziu com satisfação. Respeitados os mesmos lugares, realizamos uma excelente viagem.

Daquela sofrida vivência, restou o exemplo da força de uma tomada de posição coletiva, uma lição para muitos, tenho certeza. Viajamos como se uma só família fôssemos! Lição de conquista, de democracia. Nunca fui tão bem tratada e respeitada!

Estava aquele evento caracterizado como instrumento de construção da cidadania, à revelia da tentativa da paranoia do “subversivo”. E os passageiros agiam integrados às nossas reflexões sobre a real situação esdrúxula criada à nossa revelia, querendo apagar nossas justas reivindicações, a “livre expressão”, tão famosa nos tempos de hoje, a justificar os desmandos do país e os verdadeiros rebeldes da “ordem/desordem”.